

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ESPAÇO-TERRITORIAIS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

COVID-19 AND SOME SPATIAL-TERRITORIAL CONSIDERATIONS

COVID-19 Y ALGUNAS CONSIDERACIONES ESPACIO-TERRITORIALES

Daniel Arthur Lisboa de Vasconcelos¹

UFAL: <https://orcid.org/0000-0003-2859-4878>

Auceia Matos Dourado²

UFAL: <https://orcid.org/0000-0002-8719-7904>

DOI: 10.21680/1982-1662.2022v5n34ID27789

Resumo

Este ensaio traz uma reflexão sobre alguns fenômenos espaço-territoriais diretamente relacionados com a rápida e crescente difusão da Covid-19. Para isso, tomam-se como referências principais, interpretações geográficas sobre alguns tópicos que emergem no decorrer dessa pandemia, e que têm sido abordados por reconhecidos pensadores contemporâneos, em especial, o britânico David Harvey e o brasileiro Rogério Haesbaert. O texto abordou ainda, de forma generalista, duas evidentes e conectadas

¹ E-mail: daniel.vasconcelos@penedo.ufal.br

² E-mail: auceiam@hotmail.com

realidades espaço-territoriais do atual momento do capitalismo, marcas desse momento histórico, que têm sido impactadas pela difusão da pandemia: as mobilidades e as contradições socioeconômicas.

Palavras-chave: Espaço. Território. Contradições. Mobilidades. Covid-19.

Abstract

This essay reflects on some spatial-territorial phenomena directly related to the rapid and growing spread of Covid-19. For this, it takes as main references, geographic interpretations on some topics that emerge during this pandemic, and that have been addressed by recognized contemporary thinkers, in particular, the British David Harvey and the Brazilian Rogério Haesbaert. The text also addressed, in a general way, two evident and connected spatial-territorial realities of the current stage of capitalism, marks of this historical moment, which have been impacted by the spread of the pandemic: mobilities and socioeconomic contradictions.

Keywords: Space. Territory. Contradictions. Mobility. Covid-19.

Resumen

Este ensayo reflexiona sobre algunos fenómenos espacio-territoriales directamente relacionados con la rápida y creciente propagación del Covid-19. Para ello, toma como referentes principales interpretaciones geográficas sobre algunos temas que surgen durante esta pandemia, y que han sido abordados por reconocidos pensadores contemporáneos, en particular, el británico David Harvey y el brasileño Rogério Haesbaert. El texto también abordó, de manera general, dos realidades espacio-territoriales evidentes y conexas del momento actual del capitalismo, marcas de este momento histórico, que se han visto impactadas por la propagación de la pandemia: las movilidades y las contradicciones socioeconómicas.

Palabras clave: Espacio. Territorio. Contradicciones. Movilidades. COVID-19.

Introdução

A Covid-19 fez emergir uma pluralidade de fenômenos espaço-territoriais relacionada a fluxos, movimento, relações comerciais, viagens, enfim, limitando o ir e vir de pessoas, produtos e capital, que marcam a globalização. A eclosão dessa pandemia nos direcionou, ao menos momentaneamente, ao reverso desse processo. Impôs-se um tempo em que o essencial é aquietar-se, isolar-se socialmente, e romper com relações de proximidade, de trabalho e de lazer, tão banais e cotidianas.

Como foi o momento mais grave da Pandemia, em se tratando dos fluxos e das contradições do Capitalismo Contemporâneo? Esta questão nos impeliu, enquanto pesquisadores, a pensar o fenômeno da atual pandemia e nos direcionou para o objetivo desse texto: realizar uma reflexão sobre a pandemia da Covid-19 com suporte nos conceitos de espaço e território. Conceitos estes utilizados por diversas áreas do saber, que perpassam por um amplo leque de Ciências Humanas e Sociais, e que podem contribuir na busca por respostas (OLIVEIRA, 2020).

Como aporte teórico, esse texto se baliza em alguns autores que trabalham com os conceitos de espaço e território, analisando diversos fenômenos, sendo o espaço aqui abordado como uma instância da sociedade humana, que dialeticamente se relaciona com o seu meio *habitat*, ou seja, as diversas manifestações na natureza, tendo essa sido objeto, direta ou indiretamente, das próprias interferências da sociedade humana. Dentre esses autores destacam-se Henry Lefebvre, David Harvey e Milton Santos.

O território, para essa reflexão, será abordado como um ente “híbrido” e multiescalar (HAESBAERT, 2004; 2009; 2012) o qual “[...] desdobra-se ao longo de um continuum que vai da dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica’” (HAESBAERT, 2012, p. 95-96). Nesse ínterim deve-se considerar como essencial a análise das relações de poder, o que é inerente a esse conceito.

Para este trabalho, também consideramos que os efeitos da globalização estão relacionados com a sua multidimensionalidade e ascensão em função da organização capitalista dos meios de produção, principalmente a partir do século XX. A disseminação global da pandemia ocorreu em função das possibilidades de deslocamento de pessoas, produtos e serviços. Assim, a compressão espaço-tempo, a revolução técnico-científico-informacional e as políticas neoliberais são elementos

considerados nessa análise.

O Neoliberalismo e sua política, que propaga a defesa do Estado mínimo, têm revelado sua faceta perversa, sobretudo, nas nações menos desenvolvidas, com baixos investimento em saúde pública e pesquisas (HARVEY, 2002; 2006; 2014; 2020; HAESBAERT, 2020a; 2020b; SANTOS, 2002; 2014; 2015). A escolha dos autores, aqui citados, justifica-se pela concepção que os une, ou seja, as categorias espaço e território são abordadas de modo dialético e processual, não estanque.

Assim destaca-se que é necessário compreender a pandemia para além das manifestações naturais do vírus, uma vez que a produção do espaço e do(s) território(s) não advém de movimentos isolados e, ao contrário disso, refletem a forma como a sociedade se organiza em suas diversas escalas, do local ao global, e vice-versa. Os vírus são seres de origem primária natural, mas as pandemias são um reflexo direto da relação que o ser humano estabelece com os vírus, e os efeitos de tal fenômeno são reflexo da organização social humana. Por isso, as relações atuais, que emergem da disseminação global da Covid-19, pelo espaço geográfico e seu(s) território(s), devem ser compreendidas de forma dialética, multi e transescalar.

Espaço e Território: aportes conceituais

A compreensão das categorias espaço e território norteiam a assertiva de que tais instâncias são resultado da interação dialética entre sociedade humana e natureza. O espaço é um ente construído e reconstruído historicamente, representando um permanente devir. Conforme Haesbaert (2009), esse conceito é primordial para as análises socioespaciais, e pode ser pensado em conjunto com o de território. O território possui uma significação relacionada diretamente a esta concepção de espaço, ou seja, “[...] natureza e sociedade; economia; política; cultura, idéia [...] e matéria, identidades e representações, apropriação e controle [...]. Cada combinação específica de cada relação espaço-tempo é produto, acompanha e condiciona os fenômenos e processos territoriais [...]” (SAQUET, 2010, p. 83).

Nesse sentido, Costa (2014, p. 64), analisando as relações entre as teorias espaciais de David Harvey e Milton Santos, ressalta que o espaço geográfico é “[...] dinâmico, resultado do trabalho dos seres humanos, em movimento dialético e em contínua transformação [...]”. Para Lefebvre (1992), um dos principais teóricos da produção do espaço, enquanto processo dialético, esse não pode ser reduzido às suas

características físicas (natureza), sendo estas transformadas pelo incessante agir social. Ao mesmo tempo, as ações sociais sofrem a influência da natureza, sendo o espaço um produto que constantemente influencia sua própria produção.

Santos (2002; 2013; 2014; 2015) desenvolve a concepção de espaço enquanto resultado da interação sociedade e natureza, enfatizando que o espaço é uma instância e uma estrutura social, dotado de um dinamismo próprio e com certa autonomia, ou seja:

[...] instância da sociedade, ao mesmo título que a instância econômica e a cultural-ideológica. Isso significa que, como instância, ele *contém* e é *contido* pelas demais instâncias, assim como cada uma delas o contém e é por ele contida. A economia *está* no espaço, assim como o espaço *está* na economia. O mesmo se dá com o político-institucional e com o cultural-ideológico. Isso quer dizer que a essência do espaço é social (SANTOS, 2014, p. 12).

Dessa forma, Santos (2014) concebe o espaço como um ente que é, simultaneamente, produto e produtor da ação social humana, desempenhando papel/função primordial na estruturação de uma totalidade, de uma lógica e de um sistema, ao passo em que se vincula, essencialmente, às relações sociais de produção.

Por isso, ao se realizar uma leitura dialética do espaço geográfico, é preciso atenção ao fato de que, para além dos objetos geográficos (coisas), dos artifícios e da natureza, esse espaço é revelador das relações sociais. Trazendo essas considerações para a empiria e para o atual momento do surto global de Covid-19, revela-se a lógica de organização espacial capitalista: espaços desiguais, manifestações diferentes dos efeitos da pandemia entre localidades, estados, regiões, países e classes sociais, além de um forte viés político em relação ao seu enfretamento, que vai desde a negação do estado das coisas à barganha política em torno das ações.

Por exemplo, a organização territorial do espaço urbano, no Brasil e em outras partes do mundo, revela impossibilidades de isolamento social como preconiza a OMS - Organização Mundial de Saúde e demonstra “[...] profundas contradições existentes no espaço urbano [...] [onde] [...] a política pública em parceria com a iniciativa privada produzem espaços destinados à reprodução do capital em detrimento do uso pela população mais pobre” (HARVEY, 2004, p. 206). Seguindo o raciocínio desse autor, outro elemento, que denota que a organização do espaço é direcionada pela produção do lucro, e revelador da presença do capital, são as relações de trabalho:

precarização; ausência de ordenamentos jurídicos consistentes para amparar trabalhadores; além da extração ampliada de mais-valia, em função do aumento da carga horária de trabalho e outras exigências (mais-valia absoluta).

Corroboram esses exemplos o argumento de Raffestin (1993), quando afirma que o afinamento de ações e o reinventar das suas funções ilustra que o capital se apropria de espaços específicos, de território(s), aqui entendido(s) como a área de exercício dos poderes ou a área de capacidade dos poderes, e se exprime pelas tessituras. Para esse autor, o território “[...] é a cena do poder e o lugar de todas as relações” (RAFFESTIN, 1993, p. 58).

Conforme Haesbaert (2004), a palavra território surge com um significado duplo: material (*terra/territorium*) e simbólico (*terreo-territor*) de terror, ou aterrorizar. Conforme o autor, essas raízes semânticas relacionam-se à dominação jurídico-política da terra e à imposição de medo aos que são impedidos de acessar essa terra. Compreende-se, ainda, que os usufrutos do território são geradores de identidades. Esse uso social do território diz respeito às formas de apropriação da natureza e conseqüente valorização do espaço, envolvendo não somente questões materiais e funcionais do uso do território, como palco das relações econômicas, mas também uso no sentido de “valorização” dos aspectos simbólicos.

No campo geopolítico, a origem do conceito de território associa-se à ideia de soberania nacional e de afirmação do Estado-Nação. O conceito construído nesse contexto, tem o Estado como referência, com suas subdivisões e contradições internas, justificando-se a sua defesa e a conquista de novos territórios. Mas, atualmente, o conceito de território engloba elementos para além da nacionalidade, patriotismo. Nesse sentido, Haesbaert (2012), argumenta que o território pode ser melhor compreendido a partir das múltiplas relações de poder.

Assim, o território seria o espaço apropriado pelo homem, sendo definido e delimitado por e a partir de relações de poder em suas múltiplas dimensões, sendo um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais (RAFFESTIN, 1993). “Território [...] tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional, ‘poder político’. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação” (HAESBAERT, 2004, p. 01).

Embora o elemento central definidor do território seja as relações de poder, não se pode negar a ambigüidade e até mesmo as incoerências que muitas vezes

cercam esse conceito. Contudo é necessário um exercício no sentido de concebê-lo na sua multiplicidade, compreendida como a articulação de ideias que se fundem na busca por uma compreensão de uma dada realidade ou situação. Acrescentemos, ainda, a partir de Haesbaert (2004), que o território é um processo de produção humana por ser inicialmente pensado e depois consolidado materialmente.

Conforme Raffestin (1993), o território é um elo de relações sociais entre os indivíduos, se tornando, assim, um ente, um gerador de identidades. A territorialização é, portanto, a criação de território a partir das relações humanas historicizadas. Para Balbim (2001, p. 166), o território “[...] se forma a partir de uma relação espaço/tempo; ao se apropriar de um espaço em determinado tempo e com todas as perspectivas de possibilidades acarretadas, o ator territorializa o espaço.”

Outros dois conceitos desenvolvidos por Haesbaert (1997; 2006), refere-se à desterritorialização e reterritorialização. “Desterritorialização, é um processo de exclusão social, ou melhor, de exclusão socioespacial” (HAESBAERT, 2006b, p. 67), não estando relacionada somente à desmaterialização, dissolução das distâncias, deslocização de firmas ou debilitação dos controles fronteiriços e está inteiramente ligado à globalização. Destarte, como inferência, destaca-se que “[...] a desterritorialização é sempre um processo que ocorre em concomitância com a reterritorialização (HAESBAERT, 1995, p. 181); ou seja, destrói-se e constrói-se a criação de novos territórios, tendo como sua parte complementar, o processo de reterritorialização.

Nesse sentido, destaca-se que nos territórios criados (temporários ou permanentes) a partir do processo de reterritorialização, não se busca estabelecer as antigas territorialidades, como uma representação estanque do território anterior, pois estabelece-se outras relações com o território e constrói-se novos processos de apropriação ideológico-cultural. O espaço é transformado em território a partir da apropriação dos sujeitos e essa apropriação se manifesta nas relações (sociais, políticas ou econômicas). A gênese, a dinâmica e a diferenciação dos territórios vinculam-se a uma variedade de dimensões (física, econômica, simbólica, sociopolítica). Cada território é moldado a partir de condições e forças internas (dimensões) e externas (dinâmicas). Para além do espaço físico, o que move os territórios são os processos, a história, o forjar do cotidiano, o ser, o estar e o devir.

A Pandemia de Covid-19: algumas de suas dimensões espaço-territoriais

A partir daqui nossa reflexão estará focada em alguns processos espaço-territoriais diretamente relacionados com a rápida e crescente difusão da Covid-19, que se caracteriza como a maior pandemia da história recente. Para isso tomaremos, como principais referências, as interpretações geográficas sobre alguns tópicos que emergiram no decorrer dessa pandemia, e que foram abordados por reconhecidos pensadores da Geografia contemporânea, em especial, o britânico David Harvey e o brasileiro Rogério Haesbaert.

Seguindo sua tradição crítica ao neoliberalismo, Harvey (2020) produziu um instigante ensaio teórico intitulado, em sua tradução para a língua portuguesa: “*Política anticapitalista em tempos de Coronavírus*”. Nesse texto, o autor problematiza como a crise global, engatilhada pela Covid-19, desafia a reprodução do capitalismo global e a sua geopolítica contemporânea, em um amplo espectro de sua vertente neoliberal. Observa-se, mesmo num contexto de crise (econômica e sanitária), a acentuação das contradições estruturais do capitalismo (HARVEY, 2020).

Já em seus ensaios e conferências, Haesbaert (2020a; 2020b) destacou a relevância do pensamento geográfico, tanto na difusão de termos usualmente propagados pelo senso comum (contenção, confinamento, distanciamento social), quanto em categorias problematizadoras dessa pandemia (espaço, território, territorialidade, territorialização, desterritorialização e reterritorialização). A partir dessas categorias, esse teórico analisou problemas empíricos emergentes em surtos globais e locais da Covid-19.

O(s) Gatilho(s) da Pandemia

Um surto de um novo Coronavírus, até então não identificado, ocorreu em um mercado de alimentos (*Huanan Seafood Wholesale Market*) na cidade de Wuhan, capital da província chinesa de Hubei, atingindo cerca de 66% da equipe de trabalhadores do local, em dezembro de 2019, provocando sintomas de uma nova doença: uma misteriosa pneumonia, acompanhada de febre, tosse seca, fadiga e ocasionais sintomas gastrointestinais (WU; CHEN; CHAN, 2020; XU et al., 2020). Em 1º de janeiro de 2020, esse mercado foi lacrado pelas autoridades locais, após anúncio de alerta epidemiológico. Uma das hipóteses para o surgimento da nova virose é a que muitos especialistas em virologia têm disseminado: que o hospedeiro mais provável

desse vírus, antes dele sofrer mutações e migrar para a espécie humana, foi uma espécie de morcego, muito comum na região onde ocorreu esse surto (ZHOU et al., 2020).

No início, a maioria dos casos estava restrita a pacientes que haviam frequentado o referido mercado, porém, eram identificados novos casos dessa virose em outros territórios (TSOU et al., 2020). Ainda no mês de janeiro, milhares de pessoas na China, incluindo muitas províncias para além de Hubei (como Zhejiang, Guangdong, Henan, Hunan, etc.) e grandes cidades (como Pequim e Xangai) foram atingidas pela rápida disseminação da doença, com um surto posterior em outros países orientais, como Tailândia, Japão, República da Coreia, Vietnã e Cingapura (WU; CHEN; CHAN, 2020). No mês seguinte, a doença continuou a se expandir com celeridade, por vários países do mundo (inclusive no mundo ocidental, como Itália, Espanha, Alemanha e Estados Unidos, dentre outros).

A essa altura, o recém-descoberto Coronavírus já demonstrava o poder de seus efeitos, para além de uma epidemia comum. Em 11 de março de 2020, a OMS declarou que a nova doença adquiriu *status* de pandemia, por conta de um vírus que, em sua rápida disseminação, gerou sobrecarga nos sistemas de saúde em diversas partes do planeta. Conforme Harvey (2020), as autoridades públicas e os sistemas de saúde foram pegos de surpresa em quase todos os países, o que expôs suas graves deficiências, pois:

[...] Quarenta anos de neoliberalismo nas Américas, do Norte e do Sul, e na Europa deixaram populações expostas e mal preparadas em face a uma crise de saúde pública desta magnitude, apesar dos anteriores surtos de SARS e Ébola terem servido de alerta e apontado para o que deveria ser feito (HARVEY, 2020, s.p., tradução nossa).

A pandemia nos atingiu em um contexto capitalista que vem se desenvolvendo desde a década de 1970. Para David Harvey, o neoliberalismo é, para além das práticas político-econômicas em ascensão, desde esse período, uma teoria de que sustenta pressupostos de que liberdades individuais podem ser garantidas pela liberdade de mercado, pelo livre comércio, pelo discurso empreendedor, e pela proteção da propriedade privada. Essas práticas, fundamentadas ideologicamente, vem sendo responsáveis, em diversos países, já há alguns anos, por desmontes de garantias sociais, a exemplo dos sistemas estatais de saúde pública.

Esse autor ainda afirma que outra situação agravante da crise decorre do

menosprezo neoliberal aos necessários investimentos em pesquisas voltadas à prevenção sanitária de doenças infecciosas, afirmando que países mais distantes desse modelo, como China, Taiwan, Singapura e Coréia do Sul, naquele momento, deram melhores respostas ao lidar com a Covid-19. Harvey (2020) ainda argumentou que:

[...] grandes empresas farmacêuticas têm tido pouco ou nenhum interesse pela investigação pouco lucrativa acerca de doenças infecciosas (tal como toda a classe de *Coronavírus* que tem sido reconhecida desde os anos 1960). A grande indústria farmacêutica raramente investe na prevenção. Tem pouco interesse em investir na preparação contra uma crise sanitária. A prevenção não cria valor para o acionista. O modelo de negócio aplicado à provisão de saúde pública eliminou as capacidades de reserva que seriam necessárias em uma emergência. A prevenção nunca foi um campo muito atrativo para parcerias entre o público e o privado (HARVEY, 2020, s.p., tradução nossa).

Porém, em um mundo globalizado, à luz dos princípios do capitalismo neoliberal, amplamente conectado e integrado, os impactos dessa pandemia avançaram para muito além do campo bio-virótico e dos sistemas de saúde. Segundo Harvey (2020), foi o surto na Itália que marcou o primeiro grande impacto econômico global desse vírus, em meados de fevereiro de 2020, quando as bolsas de valores, começaram a oscilar, até que meados de março, quando houve uma desvalorização generalizada da ordem de 30%.

Nos primeiros meses de 2020, amplos territórios já estavam restringindo seus fluxos socioeconômicos e populacionais, em virtude da necessidade generalizada de medidas de contenção em diversas localidades e regiões, como isolamento social, quarentenas, confinamentos e *lockdowns*, por um período incerto. Ao se disseminar de forma célere, para além do território de Wuhan, a Covid-19 globalizou-se e surpreendeu a humanidade em seu modo de produzir e reproduzir a vida social.

Em uma palestra virtual ao vivo, Haesbaert (2020a), tomando emprestado uma concepção clássica do antropólogo Marcel Mauss, definiu o surto geral de Covid-19 como um fato social total, que atinge praticamente todos os países do mundo. Para ele, esse fenômeno, além de ser global, também detém uma generalidade social que alcança múltiplos sujeitos, perpassando pelas mais diversas categorias de classe social, etnia, gênero e idade. Nesse sentido, no que tange à sua dimensão espacial, o autor ainda destaca o caráter multi-transescalar desse fenômeno. As consequências da pandemia, segundo esse autor, perpassam do local ao global, do macro ao micro,

afetando as várias escalas espaço-territoriais do planeta.

Destaque-se, ainda, que essa pandemia surge em um momento histórico de frenético desenvolvimento do capitalismo, caracterizado pela expansão global do sistema, em que os benefícios de fluxos (de meios de produção, de capital, de circulação de pessoas, de informações) estavam em plena expansão, mas não acessíveis a todos. Essa contradição está presente no que Santos (2015), define como globalização como fábula: a ideia que estamos em uma aldeia global, que a tecnologia é usada por todos e que todos têm acesso. O deslocamento, a velocidade e a fluidez estão presentes na vida de muitas pessoas, mas são realidades restritas para outras tantas pobres e excluídas, o que faz emergir delicadas questões territoriais e socioespaciais, que se imbricam.

Mobilidades e Desigualdades: questões centrais que emergem nas múltiplas escalas do fenômeno

Segundo Haesbaert (2020b), a pandemia da Covid-19 concretiza-se em um ambiente de territórios-rede com fluxos extremamente fluídos e velozes. O que também afetou as múltiplas escalas territoriais com as imposições de reclusão/confinamentos e contenção/barragens. Essas tentativas de controle territorial, impostas desde o início do combate ao novo Coronavírus, têm acentuado e exposto diversas contradições do mundo neoliberal. Nessa perspectiva, também cabe a reflexão de Harvey (2020), na sua afirmação de que as consequências maiores de uma ameaça virótica, dependem, sobretudo, da forma como nós, seres humanos, em sociedade, lidamos com tal ameaça: “Como é que o modelo dominante, com a sua legitimidade enfraquecida e saúde delicada, pode absorver e sobreviver aos impactos inevitáveis do que pode vir a ser uma pandemia? [...]” (Id. Ibid., s.p., tradução livre).

A partir desses autores, buscamos abordar, de forma generalista, duas evidentes e conectadas realidades espaço-territoriais que marcam o atual momento histórico do capitalismo, as quais têm sido impactadas pela difusão da pandemia de forma bastante direta e evidente: as mobilidades e as contradições socioeconômicas.

De certo, em sua dimensão territorial concreta e biológica, a Covid-19 pode ser caracterizada como um fenômeno generalista, mundial. Contudo, numa dimensão social, a virose global se depara com medidas e barreiras socioespaciais e territoriais, impostas para sua propagação, que vão desde a proibição de circulação, até o acesso a políticas e recursos mitigadores dos seus efeitos. Destaque-se que as possibilidades de

se efetivar tais medidas, levantar e manter essas barreiras, que retardam a propagação do vírus e protegem e compensam as diversas populações, são condicionadas por fatores de ordem sócio-político-econômico-culturais, que constituem o(s) espaço(s) e os territórios.

Muito antes da Covid-19, Santos (2013; 2000) já demonstrava que as benesses da mobilidade do capitalismo global não seria uma realidade efetiva para todos os seres humanos, sendo esta dependente das condições socioeconômicas, que permitem acesso ao capital e às tecnologias de comunicação e transportes disponíveis, a exemplo do uso da internet e do transporte aéreo. A velocidade e a fluidez do sistema tornam-se seletivas para uma parcela da humanidade, seja para seu usufruto no trabalho, no lazer e no consumo, o que faz uma distinção social entre os “rápidos” e os “lentos”, entre os obrigatoriamente “fixos”, e os privilegiadamente “fluídos” (BACCHIEGGA, 2020).

Em uma de suas reflexões sobre “o mito da desterritorialização”, Haesbaert (2012) afirmava, na contramão de análises norte-americanas e europeias, que não ocorria o que naquele momento se denominava “o fim dos territórios”. Esse fenômeno foi explicado pelo autor por meio do conceito de multiterritorialidade, através do qual ele explicitava como os indivíduos com acesso ao capital e à mobilidade se inseriam na multiplicidade de territórios espalhados pelo mundo, mas padronizados por uma espécie de “bolha” caracterizada por um padrão internacional de serviços oferecidos às custas de trabalhadores precarizados e desterritorializados. Esses serviços, geralmente usufruídos por pessoas de poder aquisitivo mais elevado, como os executivos de grandes empresas ou corporações transnacionais, são utilizados em lojas, restaurantes, meios de hospedagem, etc.

Mais recentemente, algo similar ocorre com a precarização de trabalhadores vinculados a serviços de transportes urbanos e entregas de refeições, oferecidos por empresas que emergiram dos aplicativos de *smartphone*. Este fenômeno vem sendo denominado “uberização” do trabalho. O termo vem sendo utilizado por autores como Cannas (2021), Antunes (2020), Antunes e Filgueira (2020), que fazem alusão a uma das grandes corporações globais da atualidade, que crescem e sustentam-se a partir das condições trabalhistas e tecnológicas do capitalismo contemporâneo. No Brasil, as ocupações desse tipo parecem ter sido uma das poucas ofertas de trabalho que cresceram, nos tempos de Covid-19.

Uma das contradições que se tornou mais evidente com a crise desencadeada pelo Coronavírus é justamente a da (des)(re)territorialização. Na mesma *live*, anteriormente citada, Haesbaert (2020) explica que durante essa pandemia ocorre uma dialética do fixo e do móvel, pois diante das necessidades de “parar”, para se cumprir as medidas de contenção, é necessário que muitos continuem se movendo para suprir as necessidades dos que podem parar. Observemos que a lógica teorizada por Santos (1994; 2000), se inverteu nesses tempos de pandemia, pois aqueles que tinham maior fluidez e mobilidade, agora são os privilegiados que podem parar em seu confinamento e ao mesmo tempo continuar trabalhando e usufruindo do lazer sedentário, em virtude do seu acesso aos meios de mobilidade virtual. Por outro lado, a massa desesperada para não perder suas precárias fontes de renda necessita submeter-se aos riscos diários da infecção pelo novo Coronavírus.

Harvey (2020) ainda alertou sobre a conveniência do mito propagado de que doenças infecciosas são democráticas, sem distinguir classes, barreiras e fronteiras sociais. Para esse autor a classe trabalhadora mais vulnerável é justamente aquela que já citamos, a qual se mantém na linha de frente do funcionamento precário do capitalismo “infectado” pela Covid-19, sendo composta tipicamente por segmentos socialmente segregados, no atual contexto neoliberal. Esses trabalhadores precarizados e/ou inseridos em funções com menor remuneração, não detêm condições socioeconômicas para usufruir o privilégio do isolamento e do “*home office*”, que mantém “alguns” economicamente ativos e com melhores condições de proteger sua saúde. Essas novas formas de trabalho fazem crescer os lucros de empresas, que mesmo numa conjuntura de crise conseguem se expandir. São os afinamentos ou caminhos que o capitalismo encontra para se reproduzir em plena pandemia.

Os Setores Ligados a Viagens e Turismo: mais um exemplo da vulnerabilidade do sistema

Nesse momento do capitalismo global, a mobilidade e a fluidez dos corpos humanos pelo espaço é um dos imperativos. Por todo o planeta, as pessoas se deslocam para trabalhar, para descansar, para viver, e também para sobreviver. Dentre as incalculáveis consequências socioeconômicas causadas pela pandemia de Covid-19, indubitavelmente os setores diretamente ligados a viagens, lazer e turismo estão entre os mais vulneráveis, em virtude da crise econômica, assim como das restrições

nos deslocamentos e nas aglomerações de pessoas em espaços públicos e privados. Tanto Harvey (2020) quanto Haesbaert (2020a) fazem, em seus ensaios, reflexões sobre essa questão.

Especificamente afetada pelas restrições, a economia global do turismo se depara com uma grande e paradigmática recessão (DINARTO; WANTO; SEBASTIAN, 2020; FERNANDES, 2020). Desde o início dessa pandemia, uma queda substancial afetou a cadeia produtiva do setor mundial de viagens; de companhias aéreas a empresas de cruzeiros, de cassinos a hotéis - que reduziu drasticamente suas atividades ordinárias.

Entre os anos de 2010 e 2018, as viagens internacionais aumentaram de 800 milhões para 1,4 bilhões (HARVEY, 2020). Por conta da Covid-19, a OMT - Organização Mundial de Turismo revisou suas perspectivas de chegadas de turistas internacionais em 2020, para números negativos, traduzindo-se em uma perda estimada em bilhões de dólares nas receitas internacionais de turismo. Antes da Pandemia, a OMT previa um crescimento positivo de 3% a 4% para 2020 (UNWTO, 2020).

Para Haesbaert (2020a), esse impacto severo reforça sua tese sobre o “mito” que foi criado em função do “eterno” e sempre crescente fluxo de desterritorialização turística. O brusco interromper do turismo, em nível global, ajuda a compreender alguns dos (des)caminhos que o novo Coronavírus trilhou para “infectar” a vida social das pessoas. Mas, por causa da Covid-19: grandes destinos turísticos mundiais ficaram desertos; companhias aéreas aterraram suas frotas de aeronaves e demitiram funcionários; eventos e cruzeiros marítimos foram adiados e/ou cancelados; muitos meios de hospedagem fecharam e/ou faliram. (FERNANDES, 2020; STRIELKOWSKI, 2020).

Como ressaltado por Haesbaert (2020a), afirmava-se que a liquidez e a fluidez do mundo seriam “dádivas” do neoliberalismo global que, “milagrosamente”, ao se consumir se reinventa e se refaz, quase que instantaneamente. Porém, conforme Harvey (2020), esse tipo de consumo instantâneo, inerente ao setor de viagens e turismo, tornou-se inoperante nas condições impostas por essa pandemia, pois as pessoas não podem se deslocar, frequentar normalmente lugares e equipamentos de lazer e eventos presenciais. Enfim, sem mobilidade não há turismo.

A vulnerabilidade desse setor não deveria ser surpresa ao causar tantos impactos negativos, pois algumas experiências mais localizadas já demonstraram a sua

dependência da estabilidade do sistema. Porém, a Covid-19 é um teste de nível global para o atual modo de consumo turístico, o qual vem se baseando na sobrecarga nos diversos elementos componentes do sistema turístico. Os mercados estavam a ofertar mais vagas do que a capacidade dos lugares e equipamentos (*overbookings, overtourism...*); os residentes dos lugares vinham perdendo direitos de seu *habitat* para os visitantes, desenvolvendo aversões aos turistas (turismofobia); e o meio ambiente de muitos destinos encontra-se severamente deteriorado, dentre tantos outros efeitos nocivos.

Paradoxalmente, pontos turísticos lotados e sobrecarregados experimentaram calma; bairros turísticos de cidades badaladas ficaram desertos; e a natureza se livrou, ao menos temporariamente, da poluição, da contaminação e do frenético fluxo de turistas, a exemplo do que ocorreu com a movimentada e turística Veneza, na Itália. É o efeito pedagógico da crise, pois a parada forçada nos convida a vislumbrar as benesses de uma vida mais contida, menos corrida, e com mais tempo para a contemplação verdadeira do que nos pode ser essencial.

Considerações finais

A partir das reflexões aqui abordadas, evidencia-se que pandemia da Covid-19 fez-nos depararmos com a necessidade de se (re)pensar os rumos da nossa atual organização espaço-territorial. Surgiram novos hábitos e relações sociais que se impõem a partir de novas necessidades urgentes para seu controle, como o isolamento social, as medidas de contenção e restrição de mobilidade, as modificações nas relações de trabalho e lazer, tudo isso acompanhado das angústias e das incertas expectativas acerca de uma nova agenda da globalização.

Ao se tratar de espaço e território no contexto desse fenômeno, deve-se atentar para algumas questões: a organização espacial do capital; os efeitos de uma política neoliberal que restringiu a participação do Estado nos investimentos públicos; a multi-transescalaridade do fenômeno da pandemia e as desigualdades espaço-territoriais. Observa-se, mesmo num contexto de crise (sanitária, econômica, política...) uma sequência no desenvolvimento desimpedido do capitalismo em novas regiões, em novos espaços, com readaptações. Como exemplo, temos o fenômeno da “uberização” do trabalho, que denotam novas formas de precarização do trabalho e extração acentuada da mais-valia.

Por outro lado, atividades emergentes no atual momento de globalização, ligadas aos mercados de lazer, viagens e turismo também foram impactadas de forma tão drástica a quase que paralisar totalmente esses segmentos. Historicamente, o segmento do turismo possui uma grande capacidade de recuperar economias em tempos pós-crise, por isso espera-se pressões econômicas para a reabertura do setor. Porém, sem configurações regulatórias e de governança adequadas para garantir que a retomada ocorra de forma que se tente resolver os problemas espaço-territoriais gerados por essa atividade, as perspectivas de uma mudança de paradigma torna-se improvável.

A pandemia de Covid-19, fenômeno global, se espalhou com intensidade, da escala macro à escala micro e vice-versa, revelando também a desigualdade entre espaços e territórios. Os anos de política neoliberal reduziram drasticamente os investimentos em setores vitais à preservação da vida como a saúde pública, educação, infraestrutura básica e o acesso ao trabalho, expondo a população mais pobre aos efeitos perversos da pandemia. Nem todos podem se isolar, nem todos podem deixar de trabalhar, nem todos tem acesso a condições sanitárias dignas, nem todos têm acesso à moradia. A pandemia também produziu outras formas de exclusão. Temos agora os excluídos do acesso ao contato com o outro, os excluídos da possibilidade de se isolar, de ir e vir, e de viver o cotidiano.

Referências

- ANTUNES, Ricardo; FILGUEIRAS, Vitor. Plataformas digitais, uberização do trabalho e regulação no capitalismo contemporâneo. *Contracampo*, Niterói, v. 39, n. 1, p. 27-43, 2020. Disponível em <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/38901/pdf>. Acesso em: 30 jul. 2021.
- ANTUNES, Ricardo. *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0*. Boitempo Editorial, 2020.
- BACCHIEGGA Fábio. A mobilidade dos “homens lentos”: desigualdade e fluidez em tempos de pandemia. Boletim n. 58 - *Ciências Sociais e Coronavírus*. Acesso 09 de junho de 2020. Disponível em: http://anpcs.com/images/stories/boletim/boletim_CS/Boletim_n58.pdf. Acesso em: 29 jun. 2020.
- BALBIM, Renato Nunes. Região, território, espaço: funcionalizações e interfaces. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). *Ensaio de geografia contemporânea Milton Santos: obra revisitada*. São Paulo: HUCITEC, 1996. p. 160-169.
- CANNAS, F. A Uberização do Trabalho Frente à Pandemia de Covid-19 no Brasil. *Revista Direitos, Trabalho E Política Social*, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 198-221, 2021. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rdtps/article/view/12393>.

Acesso em: 9 jul. 2022.

COSTA, Fábio Rodrigues. O conceito de espaço em Milton Santos e David Harvey: uma primeira aproximação. **Revista Percurso - NEMO**, Maringá, v. 6, n. 1, p. 63- 79, 2014, ISSN: 2177- 3300. Acesso em: 01 jul. 2020. Disponível em: [file:///C:/Users/DELL/Downloads/49581-Texto%20 do% 20artigo- 751375172604-1-10-20140625.pdf](file:///C:/Users/DELL/Downloads/49581-Texto%20do%20artigo-751375172604-1-10-20140625.pdf).

DINARTO, Dedi; WANTO, Aadri; SEBASTIAN, Leonard Covid-19: impact on bintan's tourism sector. **Rsis Commentary**. N. 033. Acesso 02 mar. 2020. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10356/137356>.

FERNANDES, Nuno. **Economic effects of coronavirus outbreak (Covid-19) on the world economy**. Version 1.0. March 22, 2020. Acesso em: 17 abr. 2020. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=3557504>.

HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. *In*: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceito e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995. p. 165-206.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede "gaúcha" no Nordeste**. Niterói: EDUFF, 1997.

HAESBAERT, Rogério. Des-caminhos e perspectivas do território. *In*: RIBAS, Alexandre Domingues; SPOSITO, Eliseu Savério; SAQUET, Marcos Aurélio. **Território e desenvolvimento: diferentes abordagens**. 2. ed. Francisco Beltrão: Editora da Unioeste, 2004.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. *Encontros de Geógrafos da América Latina*. X, 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo, X Encontro de Geógrafos da América Latina, 2005, p. 6774 -6792.

HAESBAERT, Rogério. Concepções de território para entender a desterritorialização. *In*: SANTOS, Milton; BECKER, Bertha (Org.). **Território, territórios: ensaios sobre ordenamento territorial**. Niterói: UFF, 2006. p. 43-70.

HAESBAERT, Rogério. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. *In*: SAQUET, Marco Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009a.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009b.

HAESBAERT, Rogério. **Identidades territoriais**. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

HAESBAERT, Rogério. 2020a. Desterritorialização sem limites: reflexões geográficas em tempos de pandemia (I). *Boletim n.17 - Ciências Sociais e o Coronavírus*. 09 de abril de 2020. Acesso em: 10 abr. 2020. Disponível em: [http://anpocs.com/images/stories/boletim/boletim_ CS/Boletim_ n17.pdf](http://anpocs.com/images/stories/boletim/boletim_CS/Boletim_n17.pdf).

HAESBAERT, Rogério. 2020b. **Desterritorialização sem limites: reflexões geográficas em tempos de pandemia (II)**. Acesso em: 15 jun. 2020. Disponível em: [http://agbcampinas.com.br/site/2020/rogerio- haesbaert-desterritorializacao-sem-limites-reflexoes-geograficas-em-tempos-de-pandemia](http://agbcampinas.com.br/site/2020/rogerio-haesbaert-desterritorializacao-sem-limites-reflexoes-geograficas-em-tempos-de-pandemia).

HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: edições Loyola, 2002.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2006.

HARVEY, David. **Espaços de esperança**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HARVEY, David. Política anticapitalista en tiempos de Coronavírus. *In*: AGAMBEN, Giorgio (Org.). **Sopa de Wuhan**. Editorial ASPO, 2020.

- LEFEBVRE, Henry. **The production of space**. 2. ed. Oxford: Blackwell, 1992.
- OLIVEIRA, Ricardo Devides. **Assim nasce a Geografia da pandemia**. 2020. Acesso em: 01 jul. 2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/descolonizacoes/assim-nasce-a-geografia-da-pandemia/>.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2002.
- SANTOS, Milton. **Espaço e método**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2014.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 25. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2013.
- SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 2000.
- SAQUET, Marco Aurélio. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- STRIELKOWSKI, Wadin. **International tourism and Covid-19: Recovery Strategies for Tourism Organization**. Preprints: 2020. 2020030445 (doi: 10.20944/preprints202003.0445.v1).
- TSOU, Tsung Pei et al., Epidemiology of the first 100 cases of COVID-19 in Taiwan and its implications on outbreak control. **Journal of The Formosan Medical Association**, p. 1-7, 2020.
- UNWTO - World Tourism Organization. **News Covid 19 unwto calls on tourism to be part of recovery plan**. Disponível em: <https://www.unwto.org/news/Covid-19-unwto-calls-on-tourism-to-be-part-of-recovery-plan>. Acesso em: 16 abr. 2020.
- WU, Yi-Chia; CHEN, Ching-Sunga; CHAN, Yu-Jiuna. **The outbreak of Covid-19: An overview**. **Journal of the Chinese Medical Association**. Vol. 83 - Edition 3 - p 217-220. March, 2020. Mar;83(3):217-220. doi: 10.1097/JCMA.0000000000000270. PMID: 32134861; PMCID: PMC7153464.
- XU, Zhe. et al. Pathological findings of COVID-19 associated with acute respiratory distress syndrome. **The Lancet Respiratory Medicine**, v. 8, n. 4, p. 420-422, 2020. doi: 10.1016/S2213-2600(20)30076-X. Epub 2020 Feb 18. Erratum in: **Lancet Respir Med**. 2020 Feb 25; PMID: 32085846; PMCID: PMC7164771.
- ZHOU, Peng. et al. A pneumonia outbreak associated with a new coronavirus of probable bat origin. **Nature**, v. 579, p. 270-273, 2020. <https://doi.org/10.1038/s41586-020-2012-7>

Recebido: 14 Jan 2022
Aceito: 11 Jul 2022